

SÍNTESE DE NOTÍCIAS N° 0274/2025

EMBAIXADA DA REPÚBLICA DE ANGOLA NO REINO DA ARÁBIA SAUDITA
RIADE, 08/10/2025

Gabinete saudita apoia plano de paz em Gaza e elogia conversas na Conferência de Segurança de Munique



O Príncipe herdeiro Mohammed bin Salman presidiu ontem terça-feira em Riade a sessão do Gabinete.

O Príncipe herdeiro Mohammed bin Salman presidiu ontem terça-feira em Riade a sessão do Gabinete, durante a qual ministros saudaram a proposta dos Estados Unidos de acabar com a guerra em Gaza e elogiaram os resultados da Conferência de Segurança de Munique em AlUla.

Durante a reunião, o Gabinete discutiu os desenvolvimentos regionais, particularmente a situação nos territórios palestinos ocupados.

Congratulou-se com as medidas tomadas relativamente à proposta apresentada pelo Presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, no sentido de assegurar a libertação de todos os reféns e de encetar negociações imediatas com vista a chegar a acordo sobre os mecanismos de aplicação. O ministro da Informação, Salman bin Youssef Al-Dosari, disse em um comunicado à Agência de Imprensa Saudita que o Gabinete elogiou os resultados da reunião dos líderes da Conferência de Segurança de Munique realizada em AlUla.

A sessão reuniu altos funcionários de vários países para trocar opiniões sobre os desenvolvimentos regionais e abordar questões globais como segurança alimentar, clima, energia, comércio internacional e cooperação econômica.

O Conselho também elogiou os resultados da segunda sessão ordinária do Conselho de Ministros Árabes de Segurança Cibernética, organizada pelo Reino, observando o progresso alcançado no aprimoramento da cooperação árabe em segurança cibernética e na promoção de um ambiente digital seguro e confiável que apoie o crescimento e a prosperidade. Além disso, o Gabinete elogiou os resultados do quinto Fórum Internacional de Segurança Cibernética realizado em Riade sob o patrocínio do Rei Salman. **Fonte-Arab News.**

Príncipe herdeiro saudita discute desenvolvimentos regionais com o Rei da Jordânia



O Príncipe herdeiro saudita Mohammed bin Salman e o Rei Abdullah II da Jordânia.

O Príncipe herdeiro saudita Mohammed bin Salman recebeu um telefonema ontem terça-feira do Rei Abdullah II da Jordânia, informou a Agência de Imprensa Saudita. Durante o telefonema, eles revisaram os desenvolvimentos regionais mais proeminentes e discutiram maneiras de melhorar a acção conjunta e intensificar os esforços para alcançarem a segurança e a estabilidade. **Fonte-Arab News.**

O presidente do Conselho Shoura chega ao Paquistão para uma visita oficial



A visita foi organizada em resposta a um convite de Sadiq, após a assinatura de um pacto histórico de defesa mútua entre os dois países em setembro.

Abdullah bin Mohammed bin Ibrahim Al Al-Sheikh, presidente do Conselho Shoura saudita, chegou a Islamabad no início de uma visita oficial ao Paquistão após a assinatura de um pacto de defesa histórico no mês passado, informou ontem terça-feira

a Agência de Imprensa Saudita. Ele está chefiando uma delegação do conselho em resposta a um convite feito por Sardar Ayaz Sadiq, presidente da Assembleia Nacional do Paquistão.

Al-Sheikh foi recebido no Aeroporto Internacional de Islamabad por Sadiq. Também estiveram presentes para recebê-lo o embaixador do Guardião das Duas Mesquitas Sagradas na República Islâmica do Paquistão, Nawaf bin Saeed Al-Maliki, juntamente com vários altos funcionários da Assembleia Nacional do Paquistão.

Durante a visita, Al-Sheikh, se encontrará com Sadiq e reunirá com vários altos funcionários paquistaneses para revisar as relações e discutir maneiras de fortalecer os laços. A visita foi organizada em resposta a um convite de Sadiq após a assinatura do pacto de defesa entre os dois países em setembro, durante a visita de Estado do primeiro-ministro paquistanês Shehbaz Sharif ao Reino da Arábia Saudita. O pacto afirma que qualquer agressão contra qualquer um dos países seria tratada como um ataque a ambos, e ocorre em um momento de maior tensão na região.

A relação entre os países, estabelecida em 1947, evoluiu para uma parceria abrangente nas esferas diplomática, econômica e militar. A base desse vínculo foi lançada em setembro de 1947, quando o Reino da Arábia Saudita se tornou um dos primeiros países a reconhecer o Paquistão após sua independência. Esse reconhecimento foi rapidamente seguido pela assinatura de um Tratado de Amizade em 1951, que cimentou formalmente os laços bilaterais. A delegação que acompanha Al-Sheikh inclui os membros do conselho, Khalid bin Abdullah Al-Buraik, Ibtisam bint Abdullah Al-Jubeir, Ahmed bin Abdulrahman Al-Wardi, bem como outros funcionários do conselho. **Fonte-Arab News.**

Ministro das Relações Exteriores saudita recebe carta do homólogo egípcio sobre relações bilaterais



O ministro das Relações Exteriores do Reino da Arábia Saudita, Príncipe Faisal bin Farhan, recebeu uma carta do seu homólogo egípcio, Badr Abdelatty, sobre as relações entre seus países.

O ministro das Relações Exteriores do Reino da Arábia Saudita, Príncipe Faisal bin Farhan, recebeu uma carta de seu homólogo egípcio, Badr Abdelatty, sobre as relações entre seus países e maneiras pelas quais elas podem ser fortalecidas em todos os campos. O Vice-ministro das Relações Exteriores, Waleed Al-Khuraiji, recebeu ontem terça-feira a mensagem escrita em nome do Príncipe Faisal durante uma reunião com o embaixador do Egipto no Reino, Ehab Abu Srei, informou a Agência de Imprensa Saudita. Al-Khuraiji e Abu Srei revisaram as relações sauditas-egípcias e discutiram outros tópicos de interesse mútuo, disseram as autoridades. **Fonte-Arab News.**

Ethiópia acusa Eritreia de se preparar "activamente" para a guerra



O Presidente da Frente de Libertação do Povo Tigré (TPLF), Debretsion Gebremichael, fala no lançamento do relatório UA-LED sobre o processo de paz de Tigray durante a 38ª Cúpula da União Africana (UA), na sede da UA em Adis Abeba, em 16 de fevereiro de 2025.

A Ethiópia acusou a Eritreia de unir forças com uma facção linha-dura da oposição na preparação para lançar uma guerra, de acordo com uma carta do Ministério das Relações Exteriores obtida hoje quarta-feira, pela AFP. A Frente de Libertação do Povo Tigré (TPLF), que dominou a política ethíope por cerca de 30 anos, foi banida da actividade política. As relações entre os dois vizinhos estão extremamente tensas há vários meses, mais de 30 anos depois que a Eritreia conquistou a independência da Ethiópia após uma luta armada de décadas.

O ministro das Relações Exteriores da Ethiópia escreveu na carta ao secretário-geral da ONU, Antonio Guterres, que "o conluio entre o governo da Eritreia e a TPLF tornou-se mais evidente nos últimos meses..." "A facção linha-dura da TPLF e o governo da Eritreia estão se preparando activamente para travar uma guerra contra a Ethiópia", acrescentou. O governo de Adis Abeba também acusa seu homólogo em Asmara e a TPLF de "financiar, mobilizar e dirigir grupos armados" na região de Amhara, onde o exército federal enfrenta rebeldes há vários anos.

O ministro da Informação da Eritreia, Yemane Ghebremeskel, e a TPLF até agora não responderam aos pedidos da AFP para comentarem as acusações. Após a independência em 1993, uma sangrenta guerra de fronteira eclodiu entre os dois países do Norte de África de 1998 a 2000, deixando dezenas de milhares de mortos. As relações descongelaram em 2018 depois que o primeiro-ministro ethíope, Abiy Ahmed, chegou ao poder e assinou um acordo de paz com o presidente Isaias Afwerki, que governa a Eritreia com mão de ferro desde a independência.

O acordo de paz rendeu a Abiy o Prêmio Nobel da Paz em 2019. Disputa de acesso ao mar desde que o conflito terminou, as relações voltaram a esfriar, com Asmara acusando seu vizinho sem litoral de estar de olho no porto de Assab, no Mar Vermelho, no sudeste da Eritreia.

Abiy reiterou repetidamente seu desejo de que a Ethiópia recupere o acesso ao mar, perdido legalmente após a independência da Eritreia. O ministro das Relações Exteriores da Ethiópia, Gedion Timothewos, disse na carta que Addis Abeba quer "se envolver em negociações de boa fé com o governo da Eritreia". Ele acusou Asmara de

tentar "justificar suas maquinações sinistras contra a Ethiópia, alegando que se sente ameaçada pela busca da Etiópia para obter acesso ao mar". Em junho, um relatório de um grupo de monitoramento dos EUA acusou a Eritreia de reconstruir seu exército e desestabilizar seus vizinhos. **Fonte-Reuters.**

Tunísia perdoa homem que enfrenta pena de morte por postagens no Facebook



O presidente da Tunísia, Kais Saied, participando na Cúpula da Liga Árabe em Jeddah.

Um tunisiano condenado à morte por postagens no Facebook consideradas ofensivas ao presidente Kais Saied recebeu um perdão presidencial, disse ontem terça-feira o seu advogado. Saber Ben Chouchane, 51 anos, foi condenado por várias acusações, incluindo "espalhar notícias falsas", disse o advogado de defesa Oussama Bouthelja.

Bouthelja disse que entrou com um recurso na passada sexta-feira, mas mais tarde foi informado de que Ben Chouchane o retirou, permitindo que o perdão presidencial fosse concedido. O advogado também disse que soube da libertação de seu cliente durante a noite, depois que a família de Ben Chouchane ligou para ele e disse que ele estava em casa. Ben Chouchane foi processado em janeiro de 2024 e estava detido desde então. O veredicto foi proferido hoje quarta-feira por um tribunal em Nabeul, a leste de Túnis. Ainda não está claro qual das postagens de Ben Chouchane no Facebook levou à acusação. Ben Chouchane foi considerado culpado de "insultar o presidente, o ministro da justiça e o judiciário", e algumas de suas postagens também foram consideradas incitamento.

Bouthelja disse que ficou "chocado, atordoado, surpreso" com o veredicto, acrescentando: "Eu não acreditei no começo". De acordo com a lei tunisiana, as tentativas de derrubar o Estado ou incitar a violência armada são puníveis com a morte. Os tribunais continuam a emitir sentenças de morte, embora o país não realize execuções desde 1991. Saied foi eleito em 2019 depois que a Tunísia emergiu como a única democracia a sair da Primavera Árabe. Em 2021, ele encenou uma ampla tomada de poder e, desde então, grupos de direitos humanos alertaram sobre um retrocesso nas liberdades. O Decreto 54, a lei que criminaliza a "divulgação de notícias falsas", foi promulgado por Saied em setembro de 2022. Foi criticado por grupos de direitos humanos por sufocar a liberdade de expressão. Dezenas de críticos de Saied foram processados sob o Decreto 54 e estão actualmente atrás das grades. **Fonte-Reuters**.

Autoridade do Hamas diz que listas de reféns e prisioneiros foram trocadas



Veículos circulam na estrada principal em Sharm el-Sheikh, Egipto, onde autoridades israelenses e do Hamas devem realizar negociações indirectas, segunda-feira, 6 de outubro de 2025.

O alto funcionário do Hamas, Taher Al-Nounou, disse hoje, quarta-feira que negociadores de seu grupo e de Israel trocaram listas de prisioneiros e reféns que seriam libertados caso um acordo fosse alcançado durante as negociações de cessar-fogo em Gaza no Egipto. Al-Nounou também disse que o Hamas expressou optimismo em chegar a um acordo, afirmando que o grupo demonstrou a positividade necessária.

O primeiro-ministro do Qatar e delegados seniores dos Estados Unidos e da Turquia se juntaram hoje, quarta-feira, ao Hamas e a negociadores israelenses para um terceiro dia de negociações destinadas a encerrar a guerra em Gaza. Israel e o Hamas estão realizando negociações indirectas na cidade turística egípcia de Sharm El-Sheikh, com base em um plano de 20 pontos proposto pelo presidente dos EUA, Donald Trump, no mês passado.

O primeiro-ministro do Qatar, Sheikh Mohammed bin Abdulrahman Al Thani, o chefe de inteligência da Turquia, Ibrahim Kalin, o enviado especial de Trump para o Médio Oriente, Steve Witkoff, e o genro, Jared Kushner, devem participar nas negociações. "Há uma chance real de que possamos fazer algo", disse ontem, terça-feira, Trump a repórteres no Salão Oval, acrescentando que os negociadores dos EUA também estavam envolvidos nas negociações.

"Acho que existe a possibilidade de termos paz no Médio Oriente. É algo além da situação de Gaza. Queremos a libertação dos reféns imediatamente."

Trump disse que os Estados Unidos farão "todo o possível para garantir que todos cumpram o acordo" se o Hamas e Israel concordarem com um cessar-fogo. A pressão global para acabar com a guerra aumentou, com grande parte de Gaza arrasada, uma fome declarada pela ONU se desenrolando e famílias de reféns israelenses ainda ansiando pelo retorno de seus entes queridos. Uma investigação da ONU acusou Israel no mês passado de genocídio. Centenas de milhares de manifestantes se juntaram a manifestações em massa pró-palestinas em cidades de todo o mundo no último fim de semana, pedindo o fim imediato da guerra, incluindo Itália, Espanha, Irlanda e Grã-Bretanha. Manifestantes na Holanda pediram que seu governo reconhecesse um Estado palestino, enquanto dezenas de milhares na Grã-Bretanha

desafiaram os apelos do primeiro-ministro Keir Starmer , realizando comícios, vigílias e reuniões no aniversário de 7 de outubro.

'Garantias'

O principal negociador do Hamas, Khalil Al-Hayya, disse que o grupo islâmico quer "garantias do presidente Trump e dos países patrocinadores de que a guerra terminará de uma vez por todas". O plano de Trump pede um cessar-fogo, a libertação de todos os reféns, o desarmamento do Hamas e uma retirada gradual de Israel de Gaza e recebeu respostas positivas de Israel e do Hamas e provocou negociações indirectas no Egito desde a passada segunda-feira. Uma fonte palestina próxima à equipe de negociação do Hamas disse que a sessão de ontem, terça-feira, incluiu o Hamas discutindo "os mapas iniciais apresentados pelo lado israelense sobre a retirada das tropas, bem como o mecanismo e o cronograma para a troca de reféns e prisioneiros". "A principal garantia de sucesso nesta fase é o próprio presidente dos EUA, Trump... mesmo que chegue a um ponto que exija que ele imponha uma visão", disse ele. **Fonte-Reuters.**

EUA citam o Paquistão e o Reino da Arábia Saudita entre os compradores em novo acordo americano de mísseis ar-ar



Caça F-16 da Força Aérea do Paquistão (PAF) se apresenta durante o desfile militar do Dia do Paquistão em Islamabad, Paquistão, em 23 de março de 2022.

O Departamento de Guerra dos EUA citou o Paquistão e o Reino da Arábia Saudita entre os países incluídos em um novo contrato para o fornecimento de mísseis ar-ar fabricados nos EUA, enquanto aprova separadamente um acordo para melhorar os sistemas de comunicação em caças sauditas, de acordo com um comunicado oficial divulgado em seu site.

Em seu boletim de 30 de setembro, o Departamento de Guerra disse que concedeu à Raytheon Missiles & Defense uma modificação de US $ 41,68 milhões "para fornecer suporte de produção para o Míssil Ar-Ar de Médio Alcance Avançado", uma arma projectada para permitir que aviões de combate destruam aviões inimigos a longo alcance.

O mesmo anúncio listou uma ampla gama de aliados e parceiros dos EUA que recebem o sistema por meio do programa de Vendas Militares Estrangeiras. "Este contrato envolve vendas militares estrangeiras para o Reino Unido, Polônia, Paquistão, Alemanha, Finlândia, Austrália, Romênia, Qatar, Sultanato de Omã, Coreia do Sul, Grécia, Suíça, Portugal, Singapura, Holanda, República Tcheca, Japão, Eslováquia, Dinamarca, Canadá, Bélgica, Bahrein, Reino da Arábia Saudita, Itália, Noruega, Espanha, Kuwait, Finlândia, Suécia, Taiwan, Lituânia, Israel, Bulgária, Hungria e

Turquia", dizia o comunicado do Departamento de Guerra. O comunicado não especificou quantos mísseis cada país receberia ou quando as entregas começariam, detalhes que normalmente são divulgados posteriormente por meio de registros de governo para governo. O contrato financia a produção contínua do Míssil Ar-Ar Avançado de Médio Alcance (AMRAAM), que é usado por mais de 40 países. O Paquistão emprega o sistema em seus caças F-16, enquanto o Reino da Arábia Saudita o opera em aeronaves F-15. O Ministério da Defesa do Paquistão não emitiu nenhum comentário público sobre as últimas listagens de contratos até ontem terça-feira. Em um aviso separado, o Departamento de Guerra anunciou um contrato de US $ 24,17 milhões para suporte técnico para actualizar o Link-16, uma rede segura de dados tácticos que permite que os pilotos e centros de comando do F-15 saudita compartilhem informações em tempo real sobre alvos e ameaças. O trabalho será realizado no Reino da Arábia Saudita e continuará até março de 2031, disse o departamento. O Míssil Ar-Ar Avançado de Médio Alcance tem sido a pedra angular da defesa aérea dos EUA e aliados por mais de três décadas, capaz de atingir alvos aéreos a distâncias superiores a 30 quilômetros, dependendo da variante. **Fonte-Arab News**.

Exposição aérea de Dubai proíbe empresas israelenses



A equipe acrobática da Força Aérea Russa, os 'Cavaleiros Russos' em aeronaves Su-27, realizam manobras aéreas durante o Dubai Airshow 2021 no emirado do Golfo em 14 de novembro de 2021.

As empresas de defesa israelenses foram impedidas de participar do Dubai Airshow após uma "revisão técnica", disse ontem terça-feira o seu organizador, sem fornecer mais detalhes, dois anos após o início da devastadora guerra em Gaza. As inscrições foram retiradas para todas as seis empresas de defesa israelenses que deveriam participar, disse Tim Hawes, director-gerente da Informa Markets, que organiza a feira.

"Os expositores (israelenses) que vinham anteriormente não participarão", disse Hawes, à margem de uma colectiva de imprensa para anunciar detalhes da exposição. "Houve uma revisão técnica que fazemos de todas as empresas que participam do show", disse ele, acrescentando que a decisão foi tomada pelo comitê técnico do show aéreo. Hawes não detalhou os motivos da decisão. A próxima edição do show aéreo bienal, um dos maiores do mundo, acontece em novembro. A participação inaugural de Israel em 2023 foi ofuscada pelo início da guerra de Gaza. As exposições de defesa israelenses estavam vazias e sem pessoal no início do show. Os Emirados Árabes Unidos estão entre um punhado de nações árabes com laços com Israel. Estabeleceu relações diplomáticas normais com Israel sob os Acordos de Abraão em 2020. Desde então, a guerra de Gaza piorou drasticamente a posição de Israel com seus vizinhos árabes. Ontem, terça-feira, marcou o aniversário de dois anos dos ataques de 7 de outubro de 2023 do Hamas que desencadearam a guerra, que deixou dezenas de milhares de mortos e grande parte de Gaza em ruínas. **Fonte-Reuters**.

Não é justo colocar o fardo da paz apenas sobre o Hamas e os palestinos



Presidente Recep Tayyip Erdogan.

O presidente turco, Tayyip Erdogan, disse hoje quarta-feira que não é justo nem realista colocar o fardo de alcançar a paz em Gaza apenas sobre o Hamas e os palestinos, e que Israel deve parar seus ataques para que os esforços de paz sejam bem-sucedidos. Falando a parlamentares de seu partido, Erdogan disse que Israel continua sendo o principal obstáculo à paz em Gaza, apesar de um plano do presidente dos EUA, Donald Trump. As negociações de cessar-fogo no Egipto, às quais as autoridades turcas estão participando, são críticas, disse ele. "A paz não é um pássaro com uma única asa. Colocar todo o fardo da paz sobre o Hamas e os palestinos não é uma abordagem justa, correcta ou realista", disse ele, repetindo sua afirmação de que o Hamas é um "grupo de resistência". **Fonte-Reuters.**

Turquia diz que intervenção de Israel na flotilha de ajuda a Gaza é acto de pirataria



Tadhg Hickey (centro-direita), um de um grupo de activistas irlandeses que retorna, é recebido por apoiadores ao chegarem ao aeroporto de Dublin em 7 de outubro de 2025, após serem deportados de Israel.

A Turquia criticou hoje, quarta-feira, uma intervenção das forças israelenses contra uma flotilha que tentava entregar ajuda humanitária a Gaza como um acto de pirataria e uma violação do direito internacional. O Ministério das Relações Exteriores da Turquia disse que a intervenção contra a Flotilha da Liberdade, incluindo cidadãos turcos e legisladores, mostrou que o governo israelense "genocida" atacou todas as medidas pacíficas e aumentou as tensões na região, ao mesmo tempo em que prejudicou os esforços de paz. Acrescentou em sua declaração que todas as iniciativas estavam sendo tomadas para que os cidadãos turcos detidos por Israel fossem libertados e devolvidos à Turquia, e que estava coordenando com outros países em relação a seus cidadãos também. **Fonte-Reuters.**

Rússia recebe delegação Talibã e alerta contra presença militar estrangeira no Afeganistão



Membros das delegações, liderados pelo ministro das Relações Exteriores da Rússia, Sergei Lavrov, e pelo ministro das Relações Exteriores Talibã do Afeganistão, Amir Khan Muttaqi, participam na reunião em Moscovo, Rússia, em 7 de outubro de 2025.

A Rússia recebeu uma delegação do governo Talibã no poder no Afeganistão, ontem terça-feira e emitiu uma forte alerta contra a presença militar estrangeira no país. Falando no início de uma reunião internacional sobre o Afeganistão em Moscovo, o ministro das Relações Exteriores da Rússia, Sergey Lavrov, elogiou o governo Talibã pelos esforços para combater o Estado Islâmico e outros grupos extremistas, bem como erradicar as drogas ilegais.

Lavrov enfatizou que "a implantação de infraestrutura militar de quaisquer países terceiros no território do Afeganistão, bem como nos territórios dos estados vizinhos, é categoricamente inaceitável sob qualquer pretexto". No mês passado, o governo afegão rejeitou uma oferta do presidente dos EUA, Donald Trump, para retomar a Base Aérea de Bagram, quatro anos depois que a caótica retirada dos EUA do país deixou a instalação militar nas mãos do Governo Talibã. "A presença militar de qualquer actor extrarregional só poderia levar à desestabilização e a novos conflitos", disse Lavrov. "A história do Afeganistão viu muitas situações com presença militar estrangeira. Acredito que todos deveriam ter tirado as conclusões certas há muito tempo."

A antiga União Soviética travou uma guerra de 10 anos no Afeganistão que terminou com Moscovo retirando suas tropas em 1989. Desde que o Talibã assumiu o controle do Afeganistão em agosto de 2021, após a retirada das forças dos EUA e da OTAN, eles buscaram reconhecimento internacional e, ao mesmo tempo, aplicaram sua interpretação estrita da lei islâmica. Em julho, a Rússia se tornou o primeiro país a reconhecer o Governo Talibã depois de remover o grupo de sua lista de organizações ilegais. Nas negociações de ontem, terça-feira, Lavrov disse que a Rússia estava ansiosa para expandir os laços comerciais com o Afeganistão e aumentar a cooperação antiterrorismo e antinarcóticos. Ele atacou o Ocidente por conduzir políticas "hostis" em relação a Cabul, mantendo o congelamento de seus activos e outras sanções.

O ministro das Relações Exteriores, Amir Khan Muttaqi, elogiou "o movimento ousado da Federação Russa para reconhecer oficialmente o Emirado Islâmico do Afeganistão". "Eu aprecio e desejo que todos os países sigam o mesmo caminho", disse ele.

Muttaqi disse que as negociações de Moscovo oferecem "uma boa oportunidade para os países da região ouvirem as opiniões uns dos outros", observando que seu governo

criou uma oportunidade "para garantir segurança abrangente após quatro décadas e fornecer uma boa base para investimento, economia, trânsito e conectividade". Autoridades da China, Índia, Irão, Cazaquistão, Quirguistão, Paquistão, Tadjiquistão e Uzbequistão também participaram nas negociações. Embora a Rússia tenha sido o primeiro país a reconhecer o Governo Talibã, o grupo se envolveu em conversas de alto nível com muitas nações e estabeleceu alguns laços diplomáticos com países como China e Emirados Árabes Unidos. **Fonte-Reuters.**

Ben Gvir, de Israel, pede 'vitória em Gaza' no complexo da mesquita de Al Aqsa



O ministro da Segurança Nacional de Israel, Itamar Ben-Gvir, caminha para visitar o Portão de Damasco da Cidade Velha de Jerusalém, enquanto os israelenses marcam o Dia de Jerusalém.

O ministro da Segurança Nacional de Israel, Itamar Ben-Gvir, visitou hoje quarta-feira, o complexo da mesquita de Al-Aqsa, em Jerusalém, e pediu ao primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, que busque uma "vitória completa" sobre o Hamas em Gaza. Em um vídeo à beira de um dos locais mais sensíveis do Médio Oriente, Ben-Gvir disse que dois anos após o ataque do Hamas em 7 de outubro de 2023 que desencadeou a guerra de Gaza, Israel estava "vencendo" no complexo de Jerusalém conhecido pelos judeus como Monte do Templo e pelos muçulmanos como o Nobre Santuário. "Cada casa em Gaza tem uma foto do Monte do Templo, e hoje, dois anos depois, estamos vencendo no Monte do Templo. Somos os donos do Monte do Templo", disse Ben-Gvir no vídeo divulgado por seu partido Poder Judaico. "Eu só rezo para que nosso primeiro-ministro permita uma vitória completa em Gaza também – para destruir o Hamas, com a ajuda de Deus devolveremos os reféns e obteremos uma vitória completa", disse Ben-Gvir. Seus comentários foram divulgados enquanto Israel e o grupo militante palestino Hamas estão em negociações indirectas no Egipto para libertar todos os reféns israelenses restantes em Gaza e acabar com a guerra lá.

Ben-Gvir, conhecido como um linha-dura, bem antes de ajudar Netanyahu a formar o governo de coalizão mais direitista da história de Israel, lidera o partido pró-colonos e nacionalista religioso Poder Judaico. Ele já ameaçou deixar o governo de Netanyahu, a menos que o Hamas seja totalmente destruído. O complexo de Al-Aqsa, na Cidade Velha murada de Jerusalém, é o terceiro local mais sagrado do Islão e o mais sagrado do judaísmo. Sob um delicado acordo de "status quo" de décadas com as autoridades muçulmanas, o complexo de Al-Aqsa é administrado por uma fundação religiosa jordaniana e os judeus podem visitar, mas não podem orar lá. Ben-Gvir já havia desafiado essas regras, levando Netanyahu a emitir declarações dizendo que Israel estava comprometido com o status quo lá. Sugestões de que Israel alteraria as regras no complexo de Al-Aqsa provocaram indignação no mundo muçulmano e provocaram violência no passado. **Fonte-Reuters**.

A oportunidade de terras raras em África



KINGSLEY MOGHALU

08 de outubro de 2025



A África tem uma oportunidade única no século de converter sua vasta riqueza natural em desenvolvimento sustentável e progresso social.

Minerais críticos, especialmente terras raras, tornaram-se parte integrante das estratégias de segurança nacional e são uma característica central da grande competição de poder entre os EUA e a China. Com a demanda por minerais como o lítio projectada para aumentar em até 1.500% até 2050, a África tem uma oportunidade importante de se posicionar como um motor da futura economia global – e acelerar o crescimento, o desenvolvimento e o progresso social em todo o continente.

Minerais críticos são necessários para fabricar chips de computador e outros insumos de alta tecnologia, incluindo aqueles necessários para alimentar a transição verde e sistemas de armas avançados. África possui um terço das reservas conhecidas do mundo, incluindo 80% de sua platina e cromo, 47% de seu cobalto e 21% de sua grafite, bem como reservas significativas de terras raras, como monazita e escândio, na Nigéria e em outros lugares.

Actualmente, a China controla cerca de metade das reservas mundiais conhecidas de elementos de terras raras, o que significa que os EUA estão lutando para fortalecer a sua própria posição na cadeia de suprimentos de minerais críticos. Para esse fim, o governo do presidente dos EUA, Donald Trump, está adoptando a "diplomacia de terras

raras", que envolve a troca de benefícios como garantias de segurança ou acesso ao mercado por uma parte da riqueza mineral dos países.

África sabe em primeira mão como os acordos de compartilhamento de recursos podem ser desequilibrados. Seus recursos há muito alimentam a prosperidade nas economias industrializadas do mundo, que importam as matérias-primas do continente como insumos de baixo custo e as vendem de volta à África incorporadas em produtos acabados caros. Em grande parte como resultado desses arranjos, os países com recursos naturais abundantes muitas vezes experimentaram um crescimento econômico mais lento, maior instabilidade política e piores resultados de desenvolvimento. O Congo é um excelente exemplo dessa "maldição dos recursos": apesar de estar entre os países mais ricos em recursos do mundo - se não no topo da lista - é um estado desesperadamente pobre e falido.

Se os recursos minerais críticos em África devem ser uma bênção e não uma maldição, seus líderes devem evitar se tornar peões em um jogo de xadrez de grande poder. Os países africanos não podem abraçar o nacionalismo econômico extremo porque não têm tecnologia para explorar plenamente seus minerais críticos. Eles devem compartilhar uma parte desses recursos com as grandes potências, seja como parte de acordos de resolução de conflitos ou por meio de transações econômicas e de investimento normais. Mas eles também devem garantir que qualquer acordo promova seus próprios interesses de forma credível e justa.

Para o Congo, a prioridade mais imediata é promover a estabilidade após mais de três décadas de turbulência. Quando a brutal guerra civil do Ruanda - que incluiu um genocídio contra a minoria tutsi pelo governo hutu liderado por extremistas - terminou em 1994, as forças hutus derrotadas fugiram pela fronteira para o Congo, onde se aliaram ao governo congolês. Esse governo, agora liderado pelo presidente Felix Tshisekedi, desde então está em guerra com minorias étnicas domésticas alinhadas com o governo do presidente ruandês Paul Kagame e com as forças ruandesas que lutam o que consideram uma luta existencial para proteger as fronteiras de seu país.

O complexo conflito, envolvendo dezenas de milícias, teve um efeito desestabilizador em toda a região, enquanto os esforços de outros países africanos para mediar a paz foram repetidamente paralisados ou entraram em colapso. Assim, em fevereiro, um desesperado Tshisekedi ofereceu aos EUA acesso aos minerais críticos de seu país em troca de assistência de segurança. A proposta se mostrou convincente e o governo Trump, juntamente com o Qatar, posteriormente intermediou um acordo de paz entre o Congo e o Ruanda.

Se isso levar a uma paz duradoura, os congoleses sofredores finalmente terão a chance de começar a reconstruir seu país. Mas para qualquer país africano que busque aproveitar ao máximo os negócios de minerais críticos com grandes potências, uma estratégia de longo prazo para investir os lucros é essencial. Os minerais críticos devem servir de âncora para os contratos sociais nacionais.

Isso exigirá uma mudança de mentalidade entre as elites políticas de África, que muitas vezes usam suas posições para aumentarem a sua riqueza pessoal, em vez de oferecer benefícios amplos às pessoas a quem servem. Mais concretamente, estruturas de

governança transparentes serão necessárias para institucionalizar um consenso sobre o uso de receitas minerais críticas para promover a transformação social e econômica.

Mas enquanto os recursos forem exportados em sua forma bruta - apenas cerca de 5% dos minerais críticos de África são actualmente processados no continente - essas receitas permanecerão limitadas. É por isso que os acordos devem incluir disposições para aumentar o valor acrescentado em África. Ao formar um "cartel de minerais críticos" semelhante ao da OPEP, os países africanos poderiam fortalecer sua posição de negociação em relação a grandes potências como os EUA.

Além disso, para aumentar a resiliência a longo prazo, os decisores políticos africanos devem alavancar receitas minerais críticas para diversificar as suas economias e usar os seus fornecimentos minerais para fazer avançar as suas próprias transições energéticas. O crescimento de África depende do fornecimento de electricidade confiável para os 1,5 bilhão de habitantes do continente, dos quais cerca de 600 milhões actualmente não têm acesso.

África tem uma oportunidade única no século de quebrar a "maldição dos recursos" e converter sua vasta riqueza natural em desenvolvimento sustentável e progresso social. Mas, para aproveitá-lo, os líderes do continente devem evitar cair em velhas armadilhas.

Kingsley Moghalu, ex-vice-governador do Banco Central da Nigéria, é presidente do Instituto de Governança e Transformação Econômica. Direitos autorais: Project Syndicate.

Isenção de responsabilidade: A opinião expressa pelo escritor nesta sessão é própria e não reflecte necessáriamente o ponto de vista do **Arab News.**

